

Roteiro de Atividades

**Literatura de informação e textos
jesuíticos / relato de viagem
e crônica**

1º Ano | 1º Bimestre | 1º Ciclo

Texto Gerador 1

O texto gerador a seguir pertence à categoria dos textos informativos. A carta de Pero Vaz de Caminha representa o primeiro registro da existência do Brasil. Além disso, a grande importância desse texto também se deve à descrição da paisagem exuberante e dos grupos sociais que nela habitavam. A partir dele, portanto, pode-se discutir em que medida os encantos da terra e de seu povo ainda fundamentam a imagem de nosso país.



Carta de Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha

Senhor,

posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu. [...]

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo. E digo quê:

[...] seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a horas de véspera, havemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito

alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz! [...]

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro [...]. A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. [...]

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. [...] Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! [...]

Dos que ali andavam, muitos – quase a maior parte – traziam aqueles bicos de osso nos beijos.

E alguns, que andavam sem eles, traziam os beijos furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. [...]

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos [...].

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. [...] E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. [...]

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela [na nova terra], ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados [...]. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo. [...]

Beijo as mãos de Vossa Alteza

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.

(CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>. p. 1, 2, 3, 7, 8, 9.)

”



Atividades de uso da língua

Questão 1:

O homem dispõe de vários recursos para se comunicar. É justamente a capacidade de usar diferentes linguagens (formas não-verbais, como cores, sons, figuras, gestos, ou formas verbais, as palavras) que nos torna seres humanos racionais, diferenciando-nos dos animais. A linguagem funciona, então, como um código utilizado na construção de uma mensagem que, por meio de um canal, transmite a informação de uma pessoa para outra. Com isso, notamos que há certos fatores – chamados **elementos da comunicação** – que são imprescindíveis para que tal transmissão

se realize.

A partir disso, responda aos itens abaixo:

Habilidade trabalhada: *Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.*

1. Identifique os elementos que estruturam a comunicação mediada pelo Texto Gerador I.
 - A. Emissor
 - B. Receptor
 - C. Mensagem
 - D. Código
 - E. Canal
 - F. Contexto ou referente

Resposta Comentada:

A identificação dos elementos que concretizam o processo de comunicação possibilita que o aluno perceba o conjunto de traços que estarão presentes em qualquer ato comunicativo.

Assim, a partir do Texto Gerador I, serão identificados os seguintes elementos da comunicação:

- A. Emissor: o autor da carta, Pero Vaz de Caminha.
- B. Receptor: o rei de Portugal, D. Manoel.
- C. Mensagem: a descrição de como era o Brasil e como viviam os índios na época da chegada dos portugueses.
- D. Código: a língua portuguesa.
- E. Canal: o papel utilizado para escrever a carta.
- F. Contexto ou referente: o tema do texto (o índio e a terra).



2. Levando em consideração os elementos da comunicação que você identificou no item A, responda:
 - A. Qual dos elementos da comunicação recebeu maior destaque no relato de viagem apresentado por meio da carta?
 - B. Qual função da linguagem predomina, então, nesse texto?
 - C. Quais marcas linguísticas comprovam isso?

Resposta Comentada:

No desenvolvimento desta questão, é necessário retomar a atividade A, que identifica os elementos da comunicação, a fim de analisar qual deles foi mais enfocado no texto. Paralelamente, é importante destacar os objetivos do relato de viagem que compõe a carta: descrever os acontecimentos, os lugares e as pessoas vistos ao longo de uma viagem. A partir dessa observação, mais facilmente, o aluno responderá que, neste texto, o elemento da comunicação que recebeu maior destaque foi o contexto ou referente.

Se as funções da linguagem se definem pela ênfase dada a cada um dos elementos da comunicação, a identificação do enfoque dado ao referente conduzirá o aluno à conclusão de que, no Texto Gerador 1, a função predominante é a referencial.

A fim de comprovar essa análise, o aluno poderá destacar trechos da carta e observar as seguintes marcas linguísticas, comuns a textos referenciais: predomínio da objetividade, conteúdo informacional e linguagem impessoal, construída por meio do uso recorrente de verbos (de ligação) no presente e conjugados na 3ª pessoa gramatical.





Questão 2:

Apesar de não ser o objetivo do texto, em alguns trechos da Carta, Caminha apresenta envolvimento com o relato, deixando transparecer sua posição acerca do que observa na nova terra:

“(...) aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.”

“Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos (...)”

“E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã (...)”

“o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente.”

Considerando os trechos do quadro, assinale a alternativa que apresente corretamente a função de linguagem predominante e a explicação para tal predominância:

- A. Conativa, já que consiste em influenciar o comportamento do destinatário (“eles”, “esta gente”, “lhes”).
- B. Emotiva, pois está centrada no próprio emissor da mensagem (“e me pareceu”, “Parece-me”, “a mim e a todos pareceu”).
- C. Fática, uma vez que reflete a preocupação de manter o contato, focalizando o canal (“se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos”, “não lhes falece outra coisa para ser toda cristã”).

- D. Metalinguística, porque está centrada no código (“se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa”).
- E. Referencial, visto que focaliza o contexto, refletindo uma preocupação em transmitir, com objetividade, conhecimentos referentes aos fatos, eliminando, por isso, marcas de primeira pessoa.

Habilidade trabalhada: *Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.*

Resposta comentada:

Na primeira questão, os alunos foram motivados a identificar os elementos da comunicação e, a partir daí, a função de linguagem predominante no Texto Gerador 1. Nesta atividade, você pode retomar os elementos da comunicação apontados na questão anterior para que a turma analise qual deles predomina nos trechos do quadro. Com essa retomada, eles serão levados a perceber que o emissor – ou remetente da carta – é posto em destaque por meio das marcas linguísticas de 1ª pessoa. Essa percepção invalida a alternativa (e), que destaca a objetividade e ausência dessas marcas. Na análise da alternativa (a), você pode perguntar aos alunos se os discursos são direcionados aos habitantes, para que, dessa forma, eles reconheçam que essa opção está incorreta. As alternativas (c) e (d) aproveitam a menção ao distanciamento entre as línguas de nativos e europeus para propor que os trechos estão centrados no código ou no contato; no entanto, os trechos não apresentam predominância nem nos sinais convencionados para promover a comunicação tampouco no canal, meio pelo qual é transmitida a mensagem. A alternativa (b) é, portanto, a única correta, pois o traço comum a todos os trechos é o destaque à visão pessoal do emissor acerca do que está sendo observado – o que, linguisticamente, é marcado pelas formas verbais e pronominais em 1ª pessoa (“vi”, “entendêssemos”, “me”, “nós”, “nossa”, “mim”).





Questão 3:

Uma mesma palavra pode expressar diferentes sentidos, que são determinados por fatores como o contexto e a intenção de quem fala ou escreve. Quando uma palavra é utilizada com **significação objetiva, limitando-se aos sentidos descritos no dicionário**, dizemos que foi empregada **denotativamente**. Quando é utilizada com significação subjetiva, expressando outros sentidos por associações, dizemos que foi empregada **conotativamente**.

Considerando essas informações, observe estes fragmentos retirados da Carta de Caminha e, em seguida, responda aos itens A e B:

1. “Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa **semente** e **frutos**, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.”
 2. “Contudo, o melhor **fruto** que dela [da nova terra] se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal **semente** que Vossa Alteza em ela deve lançar.”
- A. É possível perceber que os termos destacados não possuem o mesmo significado nos dois contextos. Assim, indique os possíveis significados dos vocábulos “semente” e “fruto” em cada uma das passagens do texto.
- B. Considerando a resposta anterior, explique: Em qual trecho os vocábulos destacados foram empregados conotativamente? E em qual foram utilizados denotativamente?

Habilidade trabalhada: Identificar o sentido denotativo e conotativo da linguagem.



Resposta comentada:

Pela interpretação da carta, os alunos devem observar que, no primeiro excerto, o autor utiliza os vocábulos “fruto” e “semente” para se referir a elementos da alimentação indígena – como evidenciam as expressões “comem” e “a terra e as árvores de si lançam”. Esses dois vocábulos são, portanto, empregados com sentido denotativo.

No segundo trecho, ao contrário, esses mesmos vocábulos estruturam uma linguagem conotativa: o maior “fruto” a ser extraído/conquistado pelos portugueses consistiria na salvação daquelas “pobres almas”, que só seria alcançada graças à “semente”, à expansão da fé cristã e à implantação dos fundamentos sócio-culturais europeus.

Desse modo, a fim de que os alunos compreendam essas construções metafóricas, seria interessante recuperar os objetivos e as expectativas dos viajantes em relação ao “Novo Mundo”: descrever e catalogar a terra e o povo recém-descobertos, a fim de ampliar as riquezas do reino de Portugal e fortalecer a Igreja.

Assim, a exploração dos fragmentos em destaque revela, além da possibilidade de uma mesma expressão evocar diferentes sentidos, os preconceitos, as ambições e o olhar maravilhado dos navegadores europeus diante as belezas do novo continente.



Atividades de leitura

Questão 4:

A carta é uma situação comunicativa em que os parceiros não estão face a face, mas preservam suas identidades. Dessa forma, em seus escritos, Caminha não só demonstra a hierarquia

da tripulação ao rei como também revela aspectos da organização social portuguesa no contexto histórico das grandes navegações.

Considerando essa preservação de identidades discursivas, recupere, no texto, um fragmento que comprove a submissão do escrivão Caminha ao rei D. Manuel. Em seguida, justifique essa escolha.

Habilidade trabalhada: Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítcos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

Resposta comentada:

Nesta atividade, é importante você pedir aos alunos que recuperem o propósito de comunicação do texto. É interessante relembrar que se trata de um escrivão português com o propósito de descrever a nova terra conquistada ao seu rei por meio do gênero discursivo “carta”. Nesse gênero, os parceiros mantêm suas identidades psicológicas e sociais: o escrivão da tripulação, Caminha, deve cumprir seu papel de oferecer ao financiador da viagem, D. Manuel, informações sobre a nova terra que justificassem o apoio financeiro à incursão.

Dessa forma, é possível recuperar marcas textuais da relação de submissão existente entre eles, como nos exemplos a seguir: “não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!”, “Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade”, “E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza.(...)”, “E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo.(...)”, “Beijo as mãos de Vossa Alteza.”

Nesses e em outros fragmentos, você pode mostrar a presença do pronome de tratamento e o fato de os pronomes que se referem ao rei estarem grafados em letra maiúscula (Ela, Vos), o que revela o tratamento respeitoso do emissor, Caminha, ao receptor, o rei D. Manuel. Os destaques nos excertos corroboram o posicionamento submisso do escrivão ao desejo do rei, tanto quando oferece o seu melhor e se projeta como incapaz diante de tão alta autoridade, como quando apresenta pedidos de perdão ou confere beijo nas mãos.





Questão 5:

A Carta é considerada um marco documental, pois, por intermédio dela, é possível recuperar aspectos culturais e ideológicos da sociedade portuguesa da época. Tendo em vista essa consideração, recupere, no Texto Gerador 1, trechos que comprovem o afastamento de algumas ações indígenas da concepção portuguesa de civilização, representando, portanto, um choque cultural entre os dois povos.

Habilidade trabalhada: *Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.*

Resposta comentada:

Nesta questão, é importante você destacar que a Carta, produzida por Caminha, recupera a visão que o grupo cultural português projeta sobre o “Novo Mundo”. Dessa forma, os destaques que apresentam com estranhamento as ações indígenas podem revelar aspectos da organização social portuguesa. No fragmento “E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém.”, por exemplo, o conector adversativo “mas” evidencia que o comportamento dos índios foi contrário ao esperado por Caminha, já que, para ele, parece haver obrigação de os súditos apresentarem comportamento submisso ao rei, por meio de gestos corteses.

Outros exemplos de trechos podem revelar o costume português de andar com roupas, relacionados, provavelmente, ao aspecto climático e religioso de Portugal: “Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência.” ou “e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.”

O importante aspecto cultural da religião portuguesa também aparece, entre outros, nos excertos: “não têm nem entendem crença alguma” e “nenhuma idolatria nem adoração têm”; que parecem mostrar os índios como seres vazios por não conhecerem e adorarem o mesmo deus dos portugueses.

Por outro lado, há fragmentos que, apesar de se assemelharem a uma possível crença ou à presença de ritos, são destacados na Carta sem menção alguma a aspectos religiosos: “Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro” e “E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d’escaques.”

Outro aspecto revelador da concepção portuguesa de civilização está presente em “Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos (...)”. Esse excerto pode revelar que hábitos indígenas referentes à alimentação eram estranhos ao povo português.



Atividade de leitura e de uso da língua

Questão 6:

Já vimos que, para a comunicação se efetivar, alguns elementos são necessários: é preciso haver um emissor (ou locutor) e um receptor (ou interlocutor) que compartilhem um código linguístico utilizado na construção e transmissão da mensagem. Tendo em vista essa afirmativa, responda:

- A. Que obstáculo foi apontado por Caminha para a evangelização dos índios? Justifique com um fragmento.
- B. A qual elemento da comunicação se relaciona esse empecilho?
- C. Qual seria, portanto, a função de linguagem predominante no fragmento que você selecionou?

Habilidades trabalhadas: *Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea; Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.*

Resposta comentada:

Para realizar esta questão, você pode mostrar aos alunos que, em sua carta ao rei, Caminha aponta a língua como obstáculo para evangelizar os índios, conforme se comprova nos seguintes fragmentos: “se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos (...)”; “E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé (...)”; “esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos (...)”.

Nesse aspecto, é importante os alunos entenderem que o fato de os portugueses e os índios não dominarem o mesmo código dificultou a comunicação mais efetiva e, por isso, a evangelização. O empecilho apontado por Caminha se relaciona ao elemento de comunicação “código” e, portanto, à função de linguagem metalinguística.



Texto Gerador 2

Este texto gerador, assim como a Carta de Caminha, pertence à categoria dos textos informativos. A importância deste relato provém da observação e do registro que Hans Staden faz da língua e da cultura indígena, pois evidenciam a visão fantasiosa e depreciativa do europeu em relação aos povos nativos, muito comum naquela época.

Duas Viagens ao Brasil

Capítulo 36

Como os selvagens comeram um prisioneiro e me levaram para a festa

Alguns dias depois, quiseram comer um prisioneiro numa aldeia chamada Ticoaripe, a cerca de seis milhas de Ubatuba. Da minha própria aldeia acorreram vários e me levaram junto. Fomos num barco. O escravo que queriam comer pertencia à tribo dos Maracajás.

Como é costume deles quando querem comer um homem, prepararam uma bebida de raízes que chamam de cauim. Somente depois da festa da bebida é que o matam.

Quando finalmente o momento chegou, fui na noite anterior ao festim falar com o escravo e disse-lhe: “Então você está preparado para morrer”. Ele riu e respondeu: “Sim, estou com todo o equipamento, apenas a muçurana não é bastante longa. Em casa temos melhores.” Eles chamam de muçurana uma corda de algodão algo mais espessa que um dedo, com a qual os prisioneiros são amarrados, e sua corda era cerca de seis braças curta demais. Ele falava como se estivesse indo a uma quermesse.

Eu tinha comigo um livro em português que os selvagens acharam num navio conquistado com a ajuda dos franceses e deram para mim. Eu li um pouco desse livro quando deixei o prisioneiro, e fiquei com pena dele. Por isso fui de novo encontrá-lo e falei outra vez com ele, pois os Maracajás estão entre os amigos dos portugueses: “Eu também sou prisioneiro, igual a você, e não vim porque quero comer um pedaço de você, e sim porque meus senhores me trouxeram”. Ao que ele respondeu que sabia muito bem que nós não comíamos carne humana. Continuei dizendo-lhe que devia consolar-se, pois eles comeriam apenas a sua carne, mas que seu espírito iria para um outro lugar, para onde também vão os nossos espíritos, e que lá havia muita alegria.

Ele perguntou, então, se isso era verdade. Eu disse que sim, e ele retrucou que jamais tinha visto Deus. Terminei dizendo que ele veria Deus na outra vida e afastei-me, uma vez que a conversa estava encerrada.

Na noite seguinte, bateu um forte vento soprando tão poderosamente que arrancou pedaços da cobertura da casa. O que fez os selvagens ficarem zangados comigo. Disseram em sua língua: “Aipó mair angaipaba ybytu guasu omou”. O que vem a ser: o homem mau, o santo, agora faz com que o vento chegue, pois durante o dia olhou na ‘pele do trovão’. Assim chamavam o meu livro. Eu teria chamado o mau tempo porque o escravo era amigo nosso e dos portugueses e assim eu talvez quisesse impedir a festa. Então roguei a Deus e disse para mim mesmo: “Senhor, tu que me protegeste até agora, continua a proteger-me”. Isso porque sussurravam muito a meu respeito.

Quando amanheceu, o tempo estava bom. Bebiam e estavam muito contentes. Então fui ao encontro do escravo e disse-lhe: “O forte vento era Deus. Ele quer te levar até a presença Dele.” Ele foi comido no segundo dia depois desse. Vocês saberão como isso ocorreu no vigésimo nono capítulo do segundo livro.



Atividade de leitura

Questão 7:

Em uma das suas viagens ao Brasil, Hans Staden acabou aprisionado por uma comunidade Tupinambá, que, segundo ele, tinha a intenção de devorá-lo. Sendo assim, o viajante alemão dedica boa parte de sua narrativa à descrição dos rituais antropofágicos dos nativos. De acordo com o texto, responda:

- A. Que imagem dos povos indígenas esse relato ajudou a difundir pela Europa?
- B. De que modo descrições do “Novo Mundo” como essa, feita por Staden, serviram de justificativas às missões civilizatórias portuguesas?

Habilidades trabalhadas: *Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea; Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.*

Resposta Comentada:

A fim de levar seus alunos a uma reflexão sobre a questão da dominação cultural europeia em relação às comunidades indígenas, você poderia observar que, ao tratar dos costumes dos nativos, Staden descreve, muitas das vezes, as aldeias e o comportamento dos nativos de forma pejorativa.

Os relatos do aventureiro alemão apresentam os tupinambás como selvagens e insaciáveis comedores de carne humana. Esse hábito ritualístico dos indígenas, contrário ao cristianismo, era constantemente associado a práticas diabólicas e representado também em diversas ilustrações, que, em alguns casos, beiram o grotesco. Essas imagens reuniam muitos detalhes que nem sempre eram expressos por palavras.

O notório conhecimento da prática antropofágica indígena teria reforçado a noção de marginalidade e bestialidade em relação aos nativos, ajudando a promover o projeto expansionista lusitano, pois atribuía um sentido humanitário e religioso ao empreendimento colonial, justificando-o.

Desse modo, os verdadeiros interesses dos colonizadores – a acumulação material, resultante das políticas das grandes navegações, e a conquista espiritual, advinda da expansão da fé cristã – permaneciam encobertos.



Atividade de uso da língua e de leitura

Questão 8:

Por ser tratar de uma época em que era comum surgirem histórias de viagens mentirosas e absurdas, Hans Staden preocupou-se em escrever um relato minucioso. Em vários momentos, o autor transcreve e traduz vocábulos ou, até mesmo, breves diálogos em Tupi, como é possível observar no trecho a seguir:

“Na noite seguinte, bateu um forte vento soprando tão poderosamente que arrancou pedaços da cobertura da casa. O que fez os selvagens ficarem zangados comigo. Disseram em sua língua: ‘Aipó mair angaipaba ybytu guasu omou’. O que vem a ser: o homem mau, o santo, agora faz com que o vento chegue, pois durante o dia olhou na ‘pele do trovão’.”

Com base nessas informações:

- A. Identifique a função da linguagem predominante neste texto.
- B. Indique o provável propósito de Staden ao registrar a língua Tupi?

Habilidades trabalhadas: *Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva; Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.*

Resposta comentada:

Para que seu aluno tenha uma melhor compreensão sobre o assunto, seria interessante que você retomasse os elementos da comunicação relacionando-os às funções da linguagem.

Dessa forma, você poderia destacar que, no trecho abordado na questão, o autor se utiliza da linguagem para explicar e/ou traduzir uma passagem apresentada na língua dos nativos. Sendo assim, a função predominante seria a metalinguística, pois o foco recai sobre o próprio código.

O aventureiro alemão recorreu a várias estratégias a fim de assegurar que seu público leitor aceitasse como verdadeiras as suas desventuras no “Novo Mundo”. Para atestar a veracidade do relato, recorreu, sempre que oportuno, ao registro de diálogos na língua Tupi.



Texto Gerador 3

O texto gerador a seguir é um relato de viagem, gênero não literário que possui características comuns aos exemplares literários do bimestre: tanto os relatos de viagens, como os textos da Literatura de Informação apresentam preocupação em descrever e informar sobre um determinado local.



Pequeno relato de viagem

Estou de volta do Crato, trazendo na lembrança as serras azuis que cercam o vale do Cariri, riscadas pelas águas que descem o flanco, formando quedas; uma vegetação exuberante, povoada de animais preciosos e diversos. O “oásis do sertão” é também verdejante, apesar de assolado por estios, como o de 1877, que nosso padim Cícero teve de enfrentar junto com seus fiéis. Ali estão as prósperas cidades de Crato e Juazeiro, quase juntas de tão crescidas.

Juazeiro, nascida numa trilha onde havia três dessas milagrosas árvores, que davam pouso aos viajantes, está fazendo cem anos por agora. É incrível pensar que em apenas cem anos as poucas casas de barro e palha se transformaram nessa metrópole, passando por tantos sofrimentos, tantos conflitos; e hoje é um centro de religiosidade dos maiores no mundo, terra com a nobre vocação acadêmica, berço de mestres. Ali sempre visito dona Assunção, pintora e mestra da cultura, que faz os bolos confeitados mais perfeitos, e conheceu padre Cícero, quando era menina. Também andei fazendo um trabalho junto a gravuristas da Lira Nordestina, numa pequena antologia de poemas ilustrados com xilos. Nunca deixo de ir ao mestre Espedito Seleiro, em Nova Olinda, para comprar umas curulepes, tão apreciadas na Califórnia; e visito as crianças que administram uma casa, em projeto exemplar.

O Crato é mais antigo. Foi primeiro o aldeamento da Missão do Miranda – meu xarapim era um chefe indígena – e em 1745 consistia em apenas uma igreja de taipa nas margens do rio Granjeiro, cercada de poucas e singelas casas. Cidade com história grandiosa: ali dona Bárbara de Alencar e outros heróis lutaram pela nossa independência, e pela república, quando a Vila Real do Crato já era das povoações mais importantes do Nordeste colonial, no começo do século 19. O município tem carrascais, florestas espinhosas e de chuvas, resquícios de Mata Atlântica, e é um dos lugares mais sensíveis para a conservação da riqueza natural do Ceará. Possui universidades, metrô, feira de gado; artistas e artesãos, como o antigo mestre Noza, cujo galpão fui visitar; tem parque natural, a fabulosa banda cabaçal dos Irmãos Aniceto, e academia de cordel em homenagem ao Patativa; tem infelizmente alagamentos causados pela destruição das matas nos cílios do Granjeiro e seu assoreamento. Visitamos a graciosa estação férrea e entramos numa casa antiga, era uma instituição pública, mas parecia a casa de nossas avós, com santos e crochês.

Conheço algo da vida familiar cratense quando visito minha amiga, a professora Maria Isa, e seu marido, o médico Luciano. Eles possuem uma cultura ao mesmo tempo erudita e popular, são capazes de discorrer longamente sobre um livro clássico, ou as qualidades e usos do rapé entre os sertanejos. Antes de subirmos a ladeira até sua bonita e antiga casa no alto da colina, paramos para comprar um bolo de milho que poucas vezes provei tão bom. O filho Bernardo, também médico, também conversador, fascina

as visitas com histórias curiosas do povo cearense. Dessa vez, fomos assistir à coroação de Nossa Senhora, na praça, debaixo de uma chuva fininha. Vi aquele povo devoto, compungido pelo que a vida traz de sofrimentos e esperanças. Senti-me no mais profundo dos Cearás.

Fui convidada pelo Sesc. Levava nos braços um livro e uma lata de leite especial, para entregar ao bispo do Cariri, dom Panico, mandados por dona Lúcia, coisa tão meiga e nordestina; acompanhada de duas amigas inseparáveis, vi que estou ficando parecida com a minha mãe, que só viaja em comitiva. Recepcionada pela doce Tina e seu esposo, fui para uma noite de incentivo à leitura, aberta por uma orquestra de sopros, ainda mais emocionante para mim, avó de um trompetista e um futuro clarinetista crianças; teve cordel lido pelo autor, Maércio Lopes Siqueira. Havia uma exposição de trabalhos de crianças que leram livros infantis e se inspiraram nos personagens e nas histórias, as coisas mais lindas esses desenhos!

Depois, conversas com um público atento e silencioso, a lotar uma quadra de esportes. Professores falaram com a voz de quem sabe o que diz, tecendo comentários elaborados por estudos; conversas longas sobre como a leitura, principalmente a de livros, e ainda mais, a de livros do tesouro literário, é capaz de construir nosso pensamento, ampliando nossos conhecimentos, nossa imaginação, nossa fala. Voltei abraçada a livros ou originais de escritores do Cariri, pensando em toda aquela gente autêntica, com um quê de pureza, lutando entre o avanço do tempo e a tradição. Um artista amigo meu disse: O vale do Cariri é lindíssimo, minha alma se perde por lá quando volto de viagem, uma vez acompanhei às cinco da manhã os catadores de pequis. Verdade, nossas almas se perdem por lá.

Ana Miranda

In: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2011/07/16/noticiaanamiranda,2268247/pequeno-relato-de-viagem.shtml> [16.07.2011]. Acesso em: 27/12/2011.

”

Texto Complementar 1

De um avião, de João Cabral de Melo Neto, é um poema, forma literária não focalizada no bimestre, mas de grande importância para o estabelecimento da distinção entre textos literários e não literários. Este texto complementar também é relevante por abordar o tema da viagem, aproximando-se, assim, dos relatos apresentados neste Roteiro de Atividades.

De um avião João Cabral de Melo Neto	
1	2
<p>Se vem por círculos na viagem Pernambuco – Todos-os-Foras. Se vem numa espiral da coisa à sua memória.</p> <p>O primeiro círculo é quando o avião no campo do Ibura. Quando tenso na pista o salto ele calcula.</p> <p>Está o Ibura onde coqueiros, onde cajueiros, Guararapes. Contudo já parece em vitrine a paisagem.</p> <p>O aeroporto onde o mar e mangues, onde o mareiro e a maresia. Mas o ar condicionado, mas enlatada brisa.</p> <p>De Pernambuco, no aeroporto, a vista já pouco recolhe. É o mesmo, recoberto, porém, de celuloide.</p> <p>Nos aeroportos sempre as coisas se distanciam ou celofane. No do Ibura até mesmo a água dóida, o mangue.</p> <p>Agora o avião (um saltador) caminha sobre o trampolim, Vai saltar-me de fora para mais fora daqui.</p> <p>No primeiro círculo, em terra de Pernambuco já me estranho. Já estou fora, aqui dentro deste pássaro manso.</p>	<p>No segundo círculo, o avião vai de gavião por sobre o campo. A vista tenta dar um último balanço</p> <p>A paisagem que bem conheço, por tê-la vestido por dentro, mostra, a pequena altura coisas que ainda entendo.</p> <p>Que reconheço na distância de vidros lúcidos, ainda: eis o incêndio de ocre que à tarde queima Olinda;</p> <p>eis todos os verdes do verde, submarinos, sobremarinos: dos dois lados da praia estendem-se indistintos;</p> <p>eis os arrabaldes, dispostos numa constelação casual; eis o mar debruado pela renda de sal;</p> <p>e eis o Recife, sol de todo o sistema solar da planície: daqui é uma estrela ou uma aranha, o Recife,</p> <p>se estrela, que estende os seus dedos, se aranha, que estende sua teia: que estende sua cidade por entre a lama negra.</p>

In: NETO, João Cabral de Melo. A educação pela pedra e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p.p. 36-38 (fragmento).



Atividade de leitura

Questão 9:

Os textos podem se destinar à transmissão de informações por meio de explicações claras e objetivas, apresentando, neste caso, uma função utilitária, típica dos textos não literários. No entanto, também há textos que apresentam uma forma bastante particular. Nesses casos, as palavras empregadas podem assumir outros sentidos além dos dicionarizados e o modo de construção das mensagens passa a ser tão ou mais importante que o conteúdo transmitido. Esses textos apresentam uma função estética ou poética, característica dos textos literários.

Os textos acima têm em comum o tema da viagem. Todavia, transmitem as informações de forma distinta. A partir de sua leitura, responda:

Em qual deles predomina a função utilitária – característica dos textos não literários – e em qual deles predomina a função estética – típica dos textos literários? Justifique.

Habilidade trabalhada: *Diferenciar texto literário de não literário.*

Resposta comentada:

A proposta desta atividade é alertar o aluno para as peculiaridades do texto literário e do texto não literário através da comparação entre um relato de viagem e um poema. Assim, para auxiliar seus alunos na interpretação dos dois textos, é importante destacar que, enquanto o texto gerador *Pequeno relato de viagem* traz as impressões de sua autora, Ana Miranda, a partir da visita que realizou às cidades de Crato e Juazeiro, localizadas no estado brasileiro do Ceará, o texto complementar, um poema de João Cabral de Melo Neto, menciona as cidades de Olinda e Recife, do estado nordestino de Pernambuco.

Para estabelecer a distinção entre ambos os textos, você pode utilizar os cinco critérios adotados por Platão e Fiorin¹: plurissignificação (o texto literário possui mais de um sentido), desau-

¹ FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007. p.p. 349-357.

tomatização (a função poética combina os elementos de modo inusitado), conotação (significados não imediatos ou dicionarizados), relevância do plano de expressão (valorização do significante) e intangibilidade da organização linguística (o efeito estético se perde com o comprometimento da forma).

O primeiro texto revela função utilitária, constituindo-se num exemplar não literário. Em primeiro lugar, é importante demonstrar que, nesse relato de viagem, as expressões se referem a elementos do mundo real (cenários, culturas e pessoas dos lugares descritos), direcionando o leitor a uma única interpretação, como em: “Estou de volta do Crato, trazendo na lembrança as serras azuis que cercam o vale do Cariri” ou “O município tem carrascais, florestas espinhosas e de chuvas, resquícios de Mata Atlântica, e é um dos lugares mais sensíveis para a conservação da riqueza natural do Ceará.” Esses trechos demonstram a predominância da denotação e a ênfase na informação (função referencial da linguagem), marcas dos gêneros não literários.

Paralelamente, você pode destacar que o relato não apresenta combinações inusitadas de palavras, como também não valoriza o plano de expressão. Sendo o texto fundamentalmente denotativo, com significados concretos e claros, nem mesmo a presença das impressões da autora, comuns no gênero relato de viagens, compromete as informações do texto. Assim, embora alguns trechos demonstrem, de forma mais evidente, a opinião da autora – como “milagrosas árvores” (no segundo parágrafo) ou “a fabulosa banda” (no terceiro parágrafo) –, essas marcas de subjetividade não se confundem com a forma poética, pois se constroem de modo a focalizar o referente (as cidades visitadas) e não a própria mensagem. Finalmente, o texto gerador também não é intangível, pois pode ser facilmente resumido sem qualquer prejuízo de sentido.

O segundo texto *De um avião*, poema de João Cabral de Melo Neto, é nitidamente literário. Para comprovar isso, você pode, inicialmente, ressaltar que o texto tem maior complexidade e possibilita ao leitor vários níveis de leitura. O eu poético está partindo do aeroporto de Guararapes, em Ibura, bairro de Recife, para algum destino fora do estado de Pernambuco (“Todos-os-Foras”), e compara sua viagem aos desenhos do círculo e da espiral. À medida que se afasta de Recife, é como se desenhasse um novo círculo, uma nova perspectiva da paisagem, cada vez mais distante. Ao mesmo tempo, desenha-se uma espiral ampliando seu raio, que parte da cidade (“coisa”) indistinta no cenário visto do avião para permanecer apenas na lembrança (“memória”). Portanto, há ao menos dois sentidos para essa viagem: a viagem real, feita por avião, e a afetiva, emocionalmente experimentada pelo eu poético.

Os desenhos do círculo e da espiral podem, ainda, ganhar outro sentido a partir da referência à “celulóide”, substância de que é feito o papel, e “celofane”, tipo de papel. Esses termos não se referem a características das cidades mencionadas no poema e também não expressam o estado emocional do eu poético. Na verdade, as palavras “celuloide” e “celofane” parecem estranhas a todo texto. Pode-se, então, pensar no eu poético desenhando os círculos e espiral durante a decolagem. Enquanto os círculos representariam a viagem real, com o distanciamento das cidades, a espiral representaria a viagem afetiva, com a permanência das cidades na memória.

É ainda possível interpretar os desenhos e o papel como metáfora para a própria escrita poética. Assim, é como se o poema tivesse sido escrito durante a decolagem. Desse modo, você pode pontuar, nos vários níveis de leitura, diferentes sentidos para o mesmo texto, revelando a plurissignificação.

Em segundo lugar, é importante explicitar que o poema também desautomatiza a linguagem ao promover o estranhamento na combinação de elementos e palavras, como na segunda estrofe (“Quando tenso na pista/o salto ele calcula”), ou ainda na sexta estrofe (“a água doída, o manguê”). As personificações do avião e da água geram estranhamento, pois são inusitadas, impossíveis no domínio da realidade.

Desse modo, você poderá sublinhar que o texto é predominantemente conotativo, pois se afasta do significado imediato para atingir níveis mais profundos de sentido, como na décima estrofe (“A paisagem que bem conheço,/por tê-la vestido por dentro”), na qual o verbo “vestir” assume outro sentido, diferente do usual.

Outra particularidade dos textos literários que pode ser destacada é a valorização do plano da expressão. Nesse poema, a escolha de cada palavra, de cada fonema tem relevância na configuração do ritmo e das rimas, como vemos no segundo e quarto versos da segunda estrofe (“o avião no campo do Ibura”/“o salto ele calcula”), ou nos mesmos versos da quarta estrofe (“onde o mareiro e a maresia”/“mas enlatada brisa”), por exemplo. Finalmente, a forma do texto é intangível, visto que qualquer alteração comprometeria seu resultado estético.

Para facilitar a compreensão dos alunos, você poderia desenvolver a análise proposta nesta questão a partir de um quadro comparativo, semelhante a este:

Texto não literário (<i>Pequeno relato de viagem</i>)		Texto literário (<i>De um avião</i>)	
1	Clareza (o texto não literário não possibilita múltiplas leituras) Ex.: “hoje é um centro de religiosidade dos maiores no mundo, terra com a nobre vocação acadêmica, berço de mestres (...)”	Plurissignificação (o texto literário possui mais de um sentido) Ex.: “Se vem numa espiral/da coisa à sua memória”	
2	Predomínio da função referencial Ex.: “O Crato é mais antigo. Foi primeiro o aldeamento da Missão do Miranda (...)”	Desautomatização (predomínio da função poética) Ex.: “a água doída, o mangue”	
3	Denotação (significados imediatos ou dicionarizados) Ex.: “Fui convidada pelo Sesc. Levava nos braços um livro e uma lata de leite especial, para entregar ao bispo do Cariri (...)”	Conotação (significados não imediatos ou dicionarizados) Ex.: “A paisagem que bem conheço,/por tê-la vestido por dentro”	
4	Relevância do plano de conteúdo (valorização do significado) Ex.: “Depois, conversas com um público atento e silencioso, a lotar uma quadra de esportes.”	Relevância do plano de expressão (valorização do significante) Ex.: “de vidros lúcidos, <u>ainda</u> :/ eis o incêndio de ocre/ que à tarde queima <u>Olinda</u> ,”	
5	Tangibilidade da organização linguística (o texto pode ser resumido) Ex.: “Conheço algo da vida familiar cratense quando visito minha amiga, a professora Maria Isa, e seu marido, o médico Luciano.” Resumo: A amiga Maria Isa e seu esposo dão à autora um exemplo de como são as famílias de Crato.	Intangibilidade da organização linguística (o efeito estético se perde com o comprometimento da forma) Ex.: “e eis o Recife, sol de todo/ o sistema solar da planície:/ daqui é uma estrela/ ou uma aranha” Qualquer tentativa de resumo rasura a forma poética.	

Por fim, vale destacar que as informações aqui sintetizadas não podem ser tomadas de modo categórico. É possível, por exemplo, observar uma linguagem conotativa em textos não literários, como no último parágrafo de *Pequeno relato de viagem*, em que se encontra a expressão “almas se perdem por lá”. Parafraseando seu amigo, a autora se refere ao envolvimento afetivo que o lugar lhe proporcionou e utiliza, para isso, uma linguagem figurada. Portanto, dada a tenuidade dos limites entre os textos literários e os não literários, é importante esclarecer aos alunos que esse quadro-resumo é apenas um recurso para a análise comparativa.





Atividade de produção textual

Questão 10:

Relatar é uma experiência comunicativa de mão-dupla: relatando um fato, somos capazes de compreendê-lo melhor e possibilitamos que outras pessoas também tenham acesso a uma experiência vivida por nós e a entendam.²



Image ID: 1094384 | Foto Hidden

² FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO Jr, José Hamilton. **Língua Portuguesa: linguagem e interação**. Vol 1. São Paulo: Ática, 2010. p. 204.

Redigindo um relato de viagem

É comum nos fascinarmos por programas de viagens que mostram lugares, pessoas e culturas diferentes da nossa. Quem nunca achou interessante, por exemplo, o falar de pessoas de outros estados ou até mesmo de outros países? Relatar essas experiências pode ser uma atividade bem divertida. As situações difíceis ou alegres por que tenhamos passado podem proporcionar boas risadas entre os colegas de turma. Mas, como transmitir essa experiência de maneira envolvente? A seguir vão algumas dicas para ajudar na produção desse gênero dos viajantes.

Como?

Neste bimestre, estudamos os relatos de Pero Vaz de Caminha, Hans Staden e Ana Miranda. Agora, selecione uma viagem que você tenha vivido e que gostaria de compartilhar com seu professor e seus colegas de classe. Não se preocupe com o tipo de viagem, se foi longa ou curta, distante ou próxima de sua residência; afinal, desses lugares sempre podemos aproveitar experiências interessantes. Quem sabe esse relato possa ser fixado no mural da escola com algumas imagens dessa viagem.

Planejamento

Utilize a estrutura lógica do relato de viagem:

1. Como foi a preparação da viagem? A ansiedade, o trajeto, as dificuldades, quem foi com você?
2. Quais foram as primeiras ações? E as seguintes? Nessa parte do planejamento, é interessante destacar as ações em ordem cronológica, ou seja, reunir os fatos que marcaram desde sua chegada ao destino até o retorno da viagem na ordem em que aconteceram.
3. Como foi o retorno? Deixou saudade? Foi uma experiência ruim? Qual a lição que fica dessa experiência?

Elaboração

Estrutura global

Linguagem: Escreva em linguagem objetiva e clara e empregue a variedade padrão da língua.

Estrutura gramatical: Observe que os verbos, nos relatos de viagem, estão, predominantemente, no pretérito perfeito (passado).

Organização textual: Lembre-se de que o relato de viagem é um texto de comunicação com foco nas ações vivenciadas pelo viajante, importantes para a sequência do texto. Atente, também, para o modo de organização descritivo: a caracterização do ambiente e das pessoas, com seus costumes, crenças e outras características, enriquecerão seu relato.

Ponto de vista: Um relato de viagem é repleto de impressões pessoais e muitas observações demonstram um certo estranhamento entre culturas, hábitos diferentes. Relate realmente o que você acha do que conheceu na viagem, mas cuidado para não ofender ou ferir as pessoas.

Habilidade trabalhada: Produzir um relato de viagem.

Comentário:

Ao observar a produção dos relatos dos alunos, é importante analisar algumas características que correspondam à linguagem e à estrutura (organização textual) do gênero solicitado. Isso porque, a avaliação do aluno não pode se restringir somente à criatividade do relato, à linguagem padrão utilizada ou a outro aspecto isolado do texto.

À linguagem utilizada no relato de viagem, você pode atribuir 30% da nota final do texto, pois, a partir desse critério de correção, serão analisados: a linguagem padrão, a correção gramatical, o uso dos verbos indicando passado, a pontuação, a regência e a concordância de verbos e nomes, bem como a linguagem pessoal (subjativa), característica dos relatos de viagens.

Outros aspectos a serem observados, muito importantes para a caracterização do gênero estudado, é o modo de organização do texto e o desenvolvimento do tema definido pelo aluno: uma viagem que ele realizou. Se, no relato de viagem, as ações são desencadeadoras dos fatos, o modo de organização narrativo (com exceção do conflito) deve predominar na estruturação do texto. Assim, é importante observar se o aluno conseguiu: i) fazer uma introdução com os motivos da viagem e o início do percurso; ii) desencadear as ações de forma cronológica, respeitando, assim,

as sequências dos fatos; iii) concluir o texto, com suas impressões finais e com uma reflexão sobre a viagem. Esse campo de correção pode ter uma nota de até 40% do texto.

Os últimos 30% do texto podem ser reservados à coerência e coesão e textual. A articulação entre os períodos e os parágrafos, a concatenação entre os fatos e as ações e o emprego adequado de conectivos são critérios importantes para avaliar a ordenação lógica do texto. Vale lembrar que a ausência dos conectivos não deve ser muito penalizada, pois, além de esse conteúdo ainda não ter sido trabalhado, há outras forma de coesão textual.

Por fim, é fundamental que a avaliação global do texto considere o aspecto comunicativo do relato. O aluno conseguiu levar os colegas para a sua viagem? Há reflexões pessoais que engendram algum crescimento pessoal e/ou coletivo? Essas perguntas podem ser feitas ao aluno, autor do texto, e a seus colegas ouvintes.